

Uma boa escolha pela soberania da Alemanha?



Ricardo Cabral

A escolha de Laschet parece sinalizar que os eleitores da CDU, de forma marginal, preferiram um político de carreira, próximo de Merkel

A escolha mais importante para a União Europeia ocorreu nas recentes eleições para a liderança da CDU, que decorreram, no âmbito de um congresso virtual, a 15 e 16 de Janeiro.

Nessas eleições, renhidas, Armin Laschet ganhou na segunda volta, com 52,79% dos votos, contra Friedrich Merz, com 47,21% dos votos.

Laschet fica assim à frente na corrida para a posição de candidato da CDU/CSU a futuro chanceler da Alemanha nas eleições legislativas previstas para Setembro de 2021.

Laschet, actual ministro-presidente do Governo regional do estado da Renânia do Norte-Vestfália da Alemanha, é um político de carreira da ala centrista da CDU, católico assumido, contra casamentos entre pessoas do mesmo sexo, apoiante da política de imigração da actual chanceler.

Em relação à política económica, Laschet é visto como ortodoxo, defendendo a necessidade de a Alemanha voltar a registar excedentes orçamentais logo que a pandemia o permita, na linha de Merkel, que também pretende reequilibrar as contas públicas a partir de 2022. Mas, em 2011, numa carta aberta de 95 personalidades europeias publicada no *Financial Times*, Laschet defendeu a necessidade de um tesouro europeu e de se desenvolver uma estratégia baseada no crescimento porque o problema da dívida não se resolveria sem crescimento. Em 2012, defendeu que não se deveria deixar a Grécia sair da zona euro. Não obstante, apoiou a imposição de duras medidas de austeridade orçamental a esse país.

Em contraste, Friedrich Merz, que na sua anterior candidatura à liderança da CDU em 2018 teve o apoio de Wolfgang Schäuble, sendo também considerado um ortodoxo em relação à política orçamental, pertence à ala mais à direita e mais neoliberal da CDU e terá posições mais próximas dos EUA. Após um percurso político com muito sucesso na CDU, saiu em 2009 da política e foi membro ou presidente (*chairman*) de vários conselhos de administração de grandes empresas. De 2016 a 2020, foi presidente do conselho de administração da filial alemã da BlackRock americana (a BlackRock é a maior gestora de activos financeiros do mundo).

Assim, a escolha de Laschet parece sinalizar que os eleitores da CDU, de forma marginal, preferiram um político de carreira, da ala moderada da CDU, próximo de Merkel e sobretudo sem o estigma de alinhamento com interesses económicos privados poderosos nem com interesses estrangeiros.

Nesse sentido, a escolha dos delegados da CDU para seu presidente, ainda que por uma margem relativamente pequena, parece ter sido por um candidato com um perfil que se afigura mais soberanista e mais independente de interesses privados e que, entre os candidatos possíveis, se afigura em princípio melhor para a Alemanha, para a União Europeia e para Estados-membros como Portugal.

A Alemanha nunca esteve tão bem?

O consenso da "administração Merkel" é que a Alemanha nunca esteve tão bem. Embora conscientes de que a economia alemã enfrenta concorrência internacional crescente, a posição dos decisores de política económica é a de que a economia alemã, com o apoio de políticas públicas em sectores estratégicos e de acordos internacionais, se teria de adaptar à concorrência internacional, não tendo alternativa senão tornar-se ainda mais "competitiva" internacionalmente, face aos actuais desafios, nomeadamente a emergência da China como potência industrial do mundo e, por outro lado, a concorrência dos EUA, que lidera nas plataformas digitais e em sectores das novas tecnologias.

Mas esta posição dos estrategas alemães de que a Alemanha nunca esteve tão bem assenta no pressuposto de que o actual *status quo*, nomeadamente na União Europeia e na área do euro, é bom para a Alemanha e que é necessário preservá-lo.

Ora, por um lado, esta mensagem de que a Alemanha nunca esteve tão bem revela o que se afigura como alguma dissonância cognitiva, porque a condição económica e social de uma parcela significativa da população da Alemanha, sendo

significativamente melhor que a da maior parte da população portuguesa, não é boa. A política de austeridade também fez o seu caminho na Alemanha.

Por outro lado, parece que a Alemanha corre o risco de repetir o erro dos EUA. De ficar convencida do seu próprio excepcionalismo – um excepcionalismo de natureza muito distinta da dos EUA, mas que é inevitavelmente inebriante.

Aliás, é paradoxal constatar que várias iniciativas recentes de resposta institucional e política a crises económicas, sobretudo em relação à área do euro, sejam baseadas em ideias e teses que fizeram o seu primeiro caminho nos EUA, em alguns casos, em meados do século XX.

Assim, por exemplo, o Mecanismo Europeu de Estabilidade, que vários decisores na Alemanha pretendem redenominar e transformar em Fundo Monetário Europeu (tendo a Comissão Europeia já feito essa proposta), iria (irá?) a prazo retirar à Comissão Europeia o controlo da política orçamental dos Estados-membros, bem como assumir o controlo do processo de reestruturação de dívidas públicas e de reestruturação dos sistemas bancários dos Estados-membros. O Fundo Monetário Europeu, tal como proposto, é considerado



Defender o *status quo* é assim defender o insustentável: o caminho da divergência e não o da convergência real prometida no projecto europeu



na Alemanha mais tecnocrático e menos sujeito a pressões políticas do que a Comissão Europeia.

Mas o Fundo Monetário Europeu replica, com 70 anos de atraso, e de forma mais restritiva, a iniciativa americana de Bretton Woods, de criar uma instituição multilateral que veio a dar origem ao Fundo Monetário Internacional, em que a potência credora da época – os EUA – controlava os processos de ajustamento externo e doméstico de países com crises de balanço de pagamentos, bancárias e / ou orçamentais.

Também o inicialmente designado Fundo Europeu de Recuperação ("European Recovery Fund"), que sofreu uma evolução terminológica fantástica, sendo actualmente designado, com modificações, como Next Generation EU, vai beber muita inspiração, e inclusive o seu título inicial, ao Plano Marshall de 1947-1952, que originalmente era designado Programa de Recuperação Europeu ("European Recovery Program").

É certo, pode não fazer sentido reinventar a roda, mas parece inadequado reutilizar instituições que foram criadas quando os EUA estavam no auge do seu poderio económico, e que provavelmente marcam o início do lento declínio relativo dos EUA.

Acresce que parece pouco e insuficiente aspirar manter o *status quo* porque sinaliza que se pretende manter a ordem tal como está num mundo em profunda transformação. A Alemanha tem de ambicionar mais.

Por outro lado, se se considerar que sobretudo a Alemanha e, em menor grau, a França comandam a União Europeia e a área do euro – a tese já aqui várias vezes referida de Wolfgang Streeck de que a União Europeia é o império liberal da Alemanha –, a defesa do *status quo* é insustentável e revela, de novo, dissonância cognitiva de parte das elites desses países. Países como Itália, Portugal e Grécia têm estado a definir, registando desempenhos económicos sem paralelo nas suas histórias económicas, pela negativa.

Defender o *status quo* é assim defender o insustentável: o caminho da divergência e não o da convergência real prometida no projecto europeu.

O provável novo chanceler

A mudança de liderança política na Alemanha (se Angela Merkel não for tentada ou persuadida a mudar de ideias) é, por conseguinte, muito importante, porque a liderança de Merkel, de quase 16 anos, com os seus aspectos positivos e negativos, resultou em alguma estagnação das ideias da Alemanha sobre si mesma, sobre a União Europeia e sobre a área do euro. E porque essa transição de poder ocorre no contexto da maior crise pandémica e económica das últimas décadas.

Admitindo que o novo presidente da CDU será o escolhido para novo chanceler da Alemanha, Armin Laschet terá de ser brilhante para navegar com sucesso esta tormenta perfeita!

Professor de Economia do ISEG. Escreve à segunda-feira